

# Fenômeno e Teologia do Pluralismo Religioso

Aula 3 — Graduação em Teologia

PLURALISMO · DIÁLOGO · TRADIÇÃO CRISTÃ

**Plinio Marcos Tsai**

Como citar (ABNT 2023): TSAI, Plinio Marcos. Fenomeno e Teologia do Pluralismo Religioso, 2025. [Apresentação de slides]. In: TSAI, Plinio Marcos. *Plinio Tsai*, 2026. Disponível em: <https://pliniotsai.buda.org.br/>. Acesso em: (coloque o dia, o mes e o ano da sua consulta).



# Introdução

O estudo da religiosidade no contexto da graduação em Teologia requer um olhar atento para a pluralidade religiosa e os desafios que emergem no diálogo entre diferentes tradições de fé. O pluralismo religioso não é um fenômeno recente, mas uma característica fundamental da história da teologia, e adquire diferentes perspectivas de acordo com a religião que o observa — no nosso caso, aquela perspectiva do **cristianismo**.

## Nesta Aula 3

Estudaremos como a pluralidade teológica dentro do próprio cristianismo pode servir como estudo de caso para compreender o fenômeno mais amplo do pluralismo religioso.

## Abordagens

- Desafios do diálogo inter-religioso
- Complexidades doutrinárias e históricas
- Fatores socioculturais no encontro entre tradições de fé



# O Fenômeno do Pluralismo Religioso

## (1) DEFINIÇÃO E IMPLICAÇÕES

O pluralismo religioso refere-se à **coexistência de múltiplas tradições de fé** dentro de uma mesma sociedade ou período histórico (RIBEIRO, 2024). Esse fenômeno pode se manifestar de diferentes maneiras, desde a tolerância pacífica até a competição entre religiões por espaço e influência (DREHER, 1999; BOSCH, 2002).

### Diversidade Religiosa

Um **fato sociológico** — a simples existência de múltiplas religiões em um mesmo espaço social, sem necessariamente implicar interação ou reconhecimento mútuo.

### Pluralismo Religioso

Um **esforço consciente de diálogo e reconhecimento mútuo** entre as tradições religiosas — vai além da mera coexistência (RIBEIRO; CUNHA, 2013; BRAKEMEIER, 2004).

- ❗ É fundamental diferenciar pluralismo de diversidade: enquanto a diversidade é um dado, o pluralismo é uma postura ativa de abertura e diálogo.

# A Pluralidade dentro do Cristianismo

## (2) PLURALIDADE INTERNA

O cristianismo nunca foi homogêneo e unívoco. Desde os primeiros séculos, diferentes interpretações teológicas coexistiram dentro da fé cristã (MARTINA, 2014). O Segundo/Novo Testamento já apresenta características de pluralidade, como as diferenças teológicas notáveis entre a **teologia paulina** e a **teologia joanina** (ORBE, 1987).

### Patrística

Os Pais da Igreja desenvolveram reflexões teológicas diversas, respondendo aos desafios filosóficos e culturais de seu tempo.

### Escolástica

A síntese medieval entre fé e razão gerou escolas distintas, como a dominicana e a franciscana (LANDGRAF, 1952–1956).

### Escolas Modernas

A Reforma Protestante e a modernidade trouxeram novas perspectivas teológicas, ampliando o espectro do pensamento cristão (MARTINA, 2014).

Uma das grandes perspectivas sobre o pluralismo e o diálogo inter-religioso emerge das diversas escolas teológicas — como as de **Alexandria** e **Antioquia** —, que desempenharam papéis centrais na formulação da doutrina cristã. A diversidade de interpretações não foi um obstáculo ao desenvolvimento da fé, mas um fator essencial para a construção da tradição cristã.

# A Escola de Alexandria

## (A) ESCOLA ALEXANDRINA

A Escola de Alexandria surgiu no **século II** e floresceu como um centro de ensino cristão influenciado pela tradição filosófica grega, especialmente pelo **platonismo** e pelo pensamento de Filon de Alexandria (LE BOULLUEC, 1987).

## Principais Mestres

- Clemente de Alexandria
- Orígenes
- Cirilo de Alexandria

## Método Hermenêutico

Interpretação **simbólica e alegórica** da Bíblia. Orígenes via as Escrituras em três níveis: o *literal*, o *moral* e o *espiritual* (CROUZEL, 1993).

## Características Centrais

- Ênfase na **unidade da pessoa de Cristo** e em sua divindade
- Influência do dualismo platônico
- Valorização da espiritualidade e contemplação mística
- Oposição ao arianismo

## Papel nos Concílios

Fundamental nas controvérsias cristológicas. A cristologia de Cirilo foi adotada no **Concílio de Éfeso (431)** como doutrina oficial (MARTINA, 2014).

- ❏ A ênfase alexandrina na unidade de Cristo foi criticada pelos antioquenos, que argumentavam que essa abordagem tendia a minimizar a humanidade de Cristo (CHENU, 1957a).

# A Escola de Antioquia

(B) ESCOLA ANTIOQUENA

## Características Centrais

- Influência do **aristotelismo**
- Interpretação **histórica e gramatical** das Escrituras
- Distinção clara entre as naturezas divina e humana de Cristo
- Ênfase na plena humanidade de Cristo como condição para a redenção

## Principais Representantes

- Diodoro de Tarso
- Teodoro de Mopsuéstia
- Nestório

A Escola de Antioquia emergiu no **século III** como um centro alternativo de teologia cristã, fortemente influenciado pelo aristotelismo e por um interesse maior na realidade da experiência histórica (CROUZEL, 1993).

## Cristologia Antioquena

Defendia uma clara distinção entre as naturezas divina e humana de Cristo. Nestório argumentava que em Cristo havia **duas pessoas distintas** — uma divina e outra humana —, o que gerou forte oposição alexandrina (MARTINA, 2014).

## Legado

A cristologia antioquena influenciou o desenvolvimento do **nestorianismo**, que se espalhou pelo Oriente, especialmente na Ásia Central e na Índia (ESCHWEILER, 1926).

# O Conflito entre as Duas Escolas e os Concílios Ecumênicos

(C) CONCÍLIOS E SÍNTESE DOCTRINAL

A divergência entre Alexandria e Antioquia culminou nos debates cristológicos dos séculos IV e V, resultando em importantes concílios ecumênicos (MARTINA, 2014).

## Concílio de Éfeso (431)

Condenou a doutrina de Nestório e afirmou a **unidade da pessoa de Cristo**, alinhando-se com a cristologia de Cirilo de Alexandria. Declarou Maria como *theotókos* (Mãe de Deus).

1

2

## Concílio de Calcedônia (451)

Buscou equilíbrio entre as duas abordagens, afirmando que Cristo possuía **duas naturezas** (humana e divina) unidas em uma única pessoa — a *união hipostática*.

3

## Idade Média

Florescimento das universidades e ordens religiosas. Tradição **dominicana** (Tomás de Aquino) e **franciscana** (Boaventura, Duns Escoto) desenvolvem abordagens distintas (ESCHWEILER, 1926).

4

## Reforma Protestante

O cristianismo se ramifica: luteranismo, calvinismo e anglicanismo trazem novas perspectivas sobre Escrituras, salvação e sacramentos (MARTINA, 2014).

5

## Era Moderna

Emergência da Teologia da Libertação e da Teologia Feminista, em diálogo com Filosofia e Ciências Sociais (RIBEIRO, 2024; WOLFF, 2002).

❗ A tensão entre razão e mistério, exegese histórica e interpretação alegórica, humanidade e divindade de Cristo continua sendo um tema central para a reflexão teológica até os dias de hoje (CROUZEL, 1993).

# Desafios do Diálogo entre Religiões

## (3) COMPLEXIDADES DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Os debates teológicos internos ao cristianismo mostram a complexidade do diálogo religioso (MARTINA, 2014). O embate entre Alexandria e Antioquia exemplifica como diferentes tradições podem entrar em conflito ao interpretar aspectos centrais da fé.

## Principais Desafios

### Diferenças Doutrinárias

Cada religião tem pressupostos teológicos distintos. Ex.: o cristianismo enfatiza a encarnação do Verbo, enquanto o Islã afirma a unicidade absoluta de Deus, rejeitando a noção de Trindade (DREHER, 1999; BOSCH, 2002).

### Barreiras Linguísticas e Culturais

O vocabulário teológico de cada tradição pode ser muito específico, dificultando a comunicação. Fatores culturais influenciam a maneira como os conceitos religiosos são compreendidos (BRACKEMEIER, 2004).

### Histórico de Conflitos

Em muitas regiões, as relações entre religiões foram marcadas por perseguições, disputas territoriais e guerras. Esse passado pode gerar desconfiança e resistência ao diálogo (KAUFMANN et al., 2017; WOLFF, 2002).

O debate sobre a graça e o livre-arbítrio entre **dominicanos** e **jesuítas** na época da Contrarreforma ilustra como Roma, apesar de tentar intervir, não conseguiu resolver definitivamente a questão — tendo como principais expoentes **Domingo Báñez** (dominicano) e **Luis de Molina** (jesuíta) (ESCHWEILER, 1926).

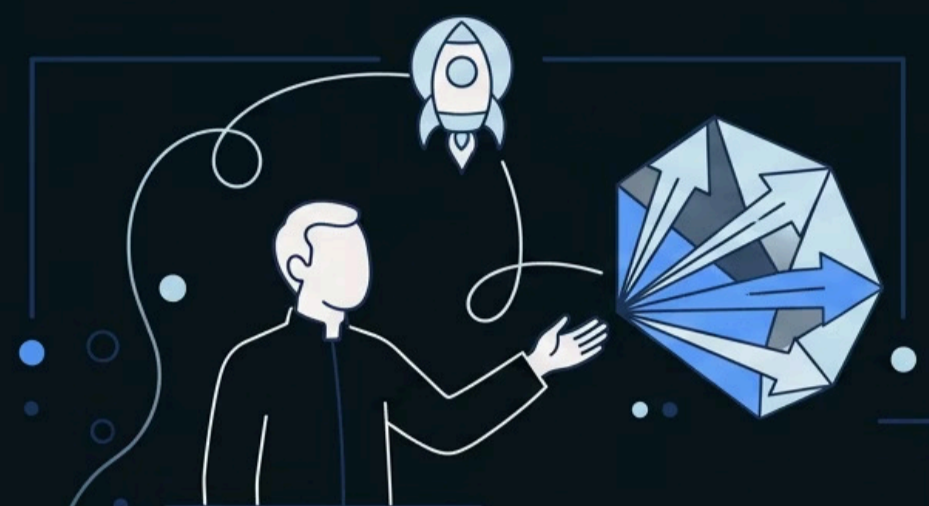
# Graça, Livre-Arbítrio e a Disputa Dominicanos × Jesuítas

CONTRARREFORMA · TEOLOGIA DA GRAÇA



## DOMINICANOS (BÁÑEZ)

GRAÇA EFICAZ IRRESISTÍVEL  
SOBERANIA ABSOLUTA DE DEUS  
VONTADE HUMANA MOVIDA  
INFALIVELMENTE



## JESUÍTAS (MOLINA)

CIÊNCIA MÉDIA  
EQUILÍBRIO GRAÇA E  
LIBERDÁDE  
COOPERAÇÃO HUMANA

### Premoção Física (Dominicanos)

A teologia dominicana, baseada em **Tomás de Aquino**, enfatizava a soberania de Deus. Para Báñez, Deus concede uma graça eficaz que **necessariamente** leva o indivíduo à salvação. A liberdade humana não é um poder autônomo, mas uma capacidade de agir em conformidade com a vontade divina (AUBERT, 1961; LANDGRAF, 1952–1956).

### Ciência Média (Jesuítas)

Luis de Molina buscava equilíbrio entre graça divina e liberdade humana. Deus sabe de antemão quais circunstâncias levariam uma pessoa a aceitar ou rejeitar sua graça e, com base nesse conhecimento, distribui a graça de modo que as pessoas ainda possam **escolher livremente** (RAHNER, 1959; CONGAR, 1963).

⚠ A principal divergência reside na compreensão da liberdade humana diante da graça: para os dominicanos, a graça eficaz é irresistível; para os jesuítas, ela não opera de maneira determinista (RIBEIRO, 2024; MARTINA, 2014).

Esse ponto de discordância levou a uma intensa controvérsia teológica que se estendeu por décadas e tendeu a ramificar a Igreja no contexto da Contrarreforma. O acontecimento histórico mostra que, muitas vezes, o pluralismo teológico não pode ser resolvido por decretos autoritativos, mas exige um processo contínuo de reflexão e debate (KAUFMANN et al., 2017).

# Estratégias para o Diálogo Inter-religioso

## (4) IMPACTO DAS DISPUTAS E CAMINHOS POSSÍVEIS

Se o diálogo dentro do próprio cristianismo já apresenta desafios consideráveis, o encontro entre diferentes tradições religiosas torna-se ainda mais complexo (RIBEIRO, 2024). Diante desses desafios, torna-se fundamental buscar estratégias eficazes para promover o diálogo inter-religioso.



### (i) Abertura para o Aprendizado Mútuo

Nenhuma tradição religiosa detém o monopólio da verdade. O diálogo deve ser visto como uma oportunidade de enriquecimento mútuo (RIBEIRO & CUNHA, 2013; BOSCH, 2002).



### (ii) Construção de Linguagem Comum

Muitas dificuldades no diálogo inter-religioso decorrem de diferenças terminológicas. A busca por uma linguagem compartilhada pode facilitar a comunicação (BRACKEMEIER, 2004; WOLFF, 2002).



### (iii) Reconhecimento da Fragilidade dos Discursos

A teologia está em constante desenvolvimento. O diálogo inter-religioso deve estar aberto a novas interpretações (PELLAND, 1994; CHAPELLE, 1973).



### (iv) Iniciativas Concretas de Cooperação

Projetos inter-religiosos em Justiça Social, Educação e Promoção da Paz podem fortalecer os laços entre diferentes tradições religiosas (RIBEIRO, 2024; KAUFMANN et al., 2017).

Estas foram algumas das possibilidades para o diálogo inter-religioso que enfatiza o pluralismo, de modo a manter a direção de Cristo que nos chama para aplicarmos o **princípio da mansidão** nas relações com o mundo.

# Aprendizados da História das Escolas Teológicas

## (5) LIÇÕES PARA O PRESENTE

"A trajetória das escolas teológicas dentro do cristianismo nos ensina que a diversidade de interpretações não é um problema em si, mas um fator de enriquecimento teológico." — CONGAR, 1963; RIBEIRO, 2024

### 1 Pluralidade sem Perda de Identidade

A coexistência de diferentes tradições teológicas mostra que é possível haver pluralidade sem perda da identidade. As escolas de Alexandria e Antioquia, apesar de suas divergências, contribuíram para a riqueza da tradição cristã (PELLAND, 1994; CHAPELLE, 1973).

### 2 Coexistência Pacífica como Princípio

O princípio da coexistência pacífica pode ser aplicado ao diálogo inter-religioso: em vez de buscar uma fusão artificial entre religiões, o objetivo deve ser o **reconhecimento da diversidade e o respeito mútuo** (BRACKEMEIER, 2004; WOLFF, 2002).

### 3 Diversidade como Enriquecimento

A história das escolas teológicas demonstra que o debate e a tensão entre perspectivas distintas não enfraquecem a fé, mas a aprofundam, levando a formulações mais maduras e abrangentes da doutrina cristã.

# Considerações Finais

## (6) SÍNTESE E PERSPECTIVAS

### O Pluralismo como Parte da História

O estudo das escolas teológicas nos permite compreender que o pluralismo religioso não é um fenômeno isolado, mas parte da própria história do pensamento teológico cristão. A teologia, longe de ser um sistema fechado e dogmático, é um campo dinâmico, sempre aberto ao debate e à renovação.

### O Diálogo como Oportunidade

O desafio do diálogo inter-religioso exige não apenas conhecimento teológico, mas também **empatia, respeito e disposição para aprender com o outro**. O diálogo inter-religioso, longe de ser uma ameaça às identidades religiosas, pode ser uma oportunidade para aprofundar nossa própria compreensão da fé e da presença de Deus na diversidade do mundo.

"Ao reconhecer a complexidade da experiência religiosa e a inevitabilidade do pluralismo, podemos construir pontes em vez de muros, promovendo um entendimento mais profundo entre diferentes tradições de fé."

Reconhecer  
Diversidade

Diálogo  
Respeitoso

Construir  
Pontes

# Texto Complementar I

## DISPUTA ENTRE GRAÇA E LIVRE-ARBÍTRIO

### Disputa entre Graça e Livre-Arbítrio ou Entre a Eleição e a Elegibilidade

A disputa entre dominicanos e jesuítas tornou-se tão acirrada que levou à criação da **Congregação de Auxiliis**, uma comissão teológica estabelecida pelo Papa Clemente VIII em 1597 para avaliar as diferenças doutrinárias e buscar uma resolução para o impasse (AUBERT, 1961).

#### Acusação Dominicana

Os dominicanos insistiam que a doutrina molinista enfraquecia a soberania de Deus ao sugerir que o conhecimento divino dependia das decisões humanas — aproximando-se perigosamente de um **pelagianismo**, heresia condenada no passado (CHENU, 1957b).

#### Acusação Jesuíta

Os jesuítas acusavam os dominicanos de promover uma visão fatalista da graça, que reduzia a liberdade humana a uma mera ilusão. A **premoção física** implicaria um determinismo que tornava desnecessário o livre-arbítrio e comprometia a justiça divina (ESCHWEILER, 1926).

#### A Ciência Média como Solução

A **ciência média** foi defendida como solução que preservava tanto a soberania de Deus quanto a liberdade humana, permitindo que a relação entre graça e vontade fosse compreendida de maneira mais harmoniosa (RAHNER, 1959).

#### Resolução sem Veredito

A questão nunca foi oficialmente resolvida. O Papa Paulo V determinou que nenhuma das partes poderia acusar a outra de heresia (CONGAR, 1963). Tanto a **premoção física** quanto a **ciência média** permaneceram como opções teológicas legítimas dentro do catolicismo (CHAPELLE, 1973).

- ✔ Esse resultado histórico ilustra que o pluralismo teológico, quando gerido com sabedoria institucional, pode coexistir sem destruir a unidade eclesial — um modelo valioso para o diálogo inter-religioso contemporâneo.

# Referências Bibliográficas

## FUNDAMENTAIS

BRACKEMEIER, G. *Preservando a unidade do Espírito no vínculo da paz: um curso de ecumenismo*. São Paulo: Aste, 2004.

BOSCH, D. *Missão transformadora*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

LACOSTE, Jean-Yves (dir.). *Dicionário crítico de teologia*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola; Paulinas, 2014.

## COMPLEMENTARES

DREHER, M. N. *A Igreja latino-americana no contexto mundial*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

MARTINA, G. *História da Igreja: de Lutero a nossos dias. IV – A era contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2014.

RIBEIRO, C. de O. (Org.). *O pluralismo religioso em questão*. Editora Pluralidades, 2024.

RIBEIRO, C.; CUNHA, M. do N. *O rosto ecumênico de Deus: reflexões sobre ecumenismo e paz*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

WOLFF, E. *Caminhos do ecumenismo no Brasil: história, teologia, pastoral*. São Paulo: Paulus, 2002.

## SUPLEMENTARES (SELEÇÃO)

AUBERT, R. (1961) · CHAPPELLE, A. (1973) · CHENU, M.-D. (1957a, 1957b) · CONGAR, Y. (1963) · CROUZEL, H. (1993) · ESCHWEILER, K. (1926) · HOCEDEZ, E. (1947–1952) · KAUFMANN, T. et al. (2017) · LANDGRAF, A. M. (1952–1956) · LE BOULLUEC, A. (1987) · ORBE, A. (1987) · PARE, G.; BRUNET, A.; TREMBLAY, P. (1933) · PELLAND, G. (1994) · RAHNER, K. (1959)